

CASEY HEYNES: ESTUDO SEMIÓTICO DE UM CASO DE *BULLYING* REGISTRADO EM VÍDEO

Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz/Universidade Federal de Minas Gerais
Daniervelin Renata Marques Pereira/Universidade de São Paulo
Paulo Henrique Serrano/Universidade Federal da Paraíba

RESUMO: O registro audiovisual de um conflito entre estudantes australianos, Casey Heynes (<http://www.youtube.com/watch?v=eyVilspkzBg>), ficou conhecido mundialmente por meio da difusão em sites de compartilhamento de vídeos. As imagens apresentam a agressão a um estudante que reage subitamente, e, com uma força inesperada, derruba o agressor. As imagens impressionaram o mundo e levantaram uma importante discussão nas escolas, alertando pais e professores sobre um tipo de violência conhecida como *bullying*. Neste trabalho, analisa-se, sob a perspectiva da semiótica de linha francesa, o acontecimento como sequência de ações e reações que constroem diferentes sentidos no processo enunciativo. A partir da investigação do plano do conteúdo, privilegiamos o nível narrativo do percurso gerativo de sentido, especialmente o percurso da paixão. Dessa forma, pela confrontação entre sujeito agressor e sujeito agredido na relação homem-mundo, vislumbram-se percursos passionais em que se pode tangenciar, pelas categorias aspectuais, as gradações que particularizam o *bullying* no vídeo citado.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying. Semiótica francesa. Audiovisual. Paixões.

RÉSUMÉ: La vidéo d'une bagarre entre des étudiants australiens, Casey Heynes (<http://www.youtube.com/watch?v=eyVilspkzBg>), s'est fait connaître dans le monde entier grâce à la diffusion des vidéos de partage en ligne. Elle montre l'agression d'un élève qui réagit soudainement et violemment envers son agresseur. Ces images choquantes ont suscité un vif débat au sein des écoles. En effet, elles ont renseigné les parents et les enseignants sur un type de violence connue sous le nom de *bullying*: le harcèlement à l'école. Dans cet article, nous analysons cet événement grâce à la théorie sémiotique française. Il est considéré comme une séquence d'actions et de réactions ayant chacune un sens dans le processus d'énonciation. Nous privilégions le niveau narratif du parcours génératif de la signification, notamment le parcours de la passion. Ainsi, nous apercevons dans la confrontation entre le sujet agresseur et le sujet agressé, dans les rapports homme-monde, les parcours passionnés dont les catégories aspectuelles peuvent nous aider à distinguer les gradations qui particularisent le *bullying* dans la vidéo mentionnée.

MOTS-CLÉS: Bullying. Sémiotique française. Audiovisuel. Passions.

INTRODUÇÃO

Diante da intensa discussão sobre o *bullying* atualmente e sua presença no ambiente digital, denominada *Cyberbullying*, propomos aqui uma discussão sobre o vídeo Casey Heynesⁱ como contribuição para as reflexões sobre o tema. Este texto escolhido, embora apresente um conflito entre sujeitos no pátio de uma escola (presencial), desperta novos questionamentos associados à (re)modelagem expressiva do conflito entre dois estudantes registrado em vídeo que será analisado: o conteúdo permanece, mas essa nova configuração do conflito – gradualmente mais durável ao ser gravado em vídeo, passível, assim, de infinitas repetições e, depois, estendido digitalmente pela *web*, acessível por um público imensurável –, implica, certamente, novas significações para o discurso, na medida em que as novas coordenadas espaço-temporais afetam e ressignificam a prática do *bullying* em sua totalidade.

Nesta análise, nosso foco são os percursos narrativo e passional dos sujeitos no texto visual, pelos quais depreenderemos a conceitualização e a caracterização do *bullying*, e os sentidos que surgem dessa organização discursiva.

Partimos, para isso, de uma rápida revisão sobre algumas pesquisas realizadas sobre o assunto, buscando contextualizar o fenômeno e também encontrar recorrências de sentidos que possam nos orientar na análise proposta. Num segundo momento, lançaremos luz sobre alguns conceitos da Semiótica francesa para, em seguida, abordarmos o vídeo propriamente: primeiro por uma análise narrativa e depois passional. Pretende-se, dessa forma, entender as ações desse vídeo, sob a perspectiva pragmática e cognitiva, a ação em si e as motivações passionais que a condicionaram.

1 *BULLYING*: UMA EXPRESSÃO DA VIOLÊNCIA

O termo *Bullying* é específico da língua inglesa *bully* que significa “valentão” ou “brigão”. Mesmo sem uma denominação consensual em português, ele é entendido como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato. Existe, ainda, alternativas como a palavra *bulir*, definida por Houaiss (2009) como: “tocar em (algo ou alguém); mexer em; sacudir de leve (algo ou alguém); causar incômodo ou apoquentar; produzir apreensão em; causar impressão em; fazer caçoada; brincar; zombar; falar sobre, mencionar”.

O *bullying* sempre existiu, mas a primeira referência sobre o fenômeno é registrada no fim da década de 70 do século passado pelo professor Dan Olweus, da Universidade da Noruega, ao estudar as tendências suicidas entre adolescentes. O pesquisador descobriu que a maioria dos jovens pesquisados havia sofrido algum tipo de ameaça ou violência nessa perspectivaⁱⁱ.

Gradualmente, o fenômeno se propagou pela mídia e pela internet. Hoje são consideradas *bullying* todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais, feitas de maneira repetitiva contra uma ou mais pessoas, que gerem dor e angústia, com o intuito de intimidar o outro, que, a princípio, não teria capacidade de se defender. Assim, é considerado *bullying*, além das violências físicas e sexuais, os apelidos pejorativos, por exemplo, criados para humilhar e expor o outro. São basicamente relações desiguais de forças ou de poderⁱⁱⁱ.

É consenso nas referências pesquisadas, Revista Escola e Brasil Escola, a tendência desse acontecimento nas escolas e a ocorrência do *bullying* em áreas onde a presença ou supervisão de pessoas adultas é mínima ou inexistente.

No entanto, para que a relação seja caracterizada como *bullying*, é necessário que o ato violento ocorra entre pares nos espaços da escola, faculdade/universidade, família, mas pode ocorrer também no local de trabalho e entre vizinhos, por exemplo. Todo *bullying* é uma violência, mas nem toda violência é classificada como *bullying*. Segundo Telma Vinha, doutora em Psicologia Educacional e professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), “para ser dada como *bullying*, a agressão física ou moral deve apresentar quatro características: a intenção do autor em ferir o alvo, a repetição da agressão, a presença de um público espectador e a concordância do alvo com relação à ofensa”^{iv}.

Especificamente crianças ou adolescentes alvos do *bullying* costumam ser sujeitos a baixa autoestima e retraídos tanto na escola quanto no lar. “Por essas características, é difícil esse jovem conseguir reagir”, afirma o pediatra Lauro Monteiro Filho^v. O fator “repetição” no *bullying*, aliado a essa submissão, é um traço marcante que leva as vítimas até a concordar com o “motivo” da agressão, o que as impede de solicitar ajuda. Para Luciene Tognetta, doutora em Psicologia Escolar e pesquisadora da Faculdade de Educação da Unicamp, o discurso do sujeito agredido é movido pela seguinte lógica: “Se sou gorda, por que vou dizer o contrário?”^{vi}.

Assim, além dos traços psicológicos e emocionais, os alvos desse tipo de violência costumam apresentar particularidades físicas, o que parece influenciar o conflito do vídeo a ser investigado aqui, como veremos. As agressões podem ainda abordar aspectos culturais, étnicos e religiosos.

Enquanto os alvos dos agressores são geralmente pessoas pouco sociáveis, mais passivas e inseguras; os agressores, por outro lado, geralmente são pessoas que têm pouca empatia, são hostis, usam força para resolver seus problemas e são intolerantes^{vii}.

Outra particularidade do *bullying* é a “plateia”. As pessoas que testemunham esse tipo de agressão, particularmente no espaço da escola, convivem com a violência e se silenciam para evitar a mesma agressão para si ou mesmo por comodidade. No espaço escolar, quando não ocorre uma efetiva intervenção contra o *bullying*, o ambiente fica contaminado e os alunos, sem exceção, são afetados negativamente, experimentando sentimentos de medo e ansiedade^{viii}. Ou seja, o espectador é um ator fundamental no *bullying*. Nesse caso, não podemos pensar que há apenas dois envolvidos no conflito: o autor e o alvo. Os especialistas alertam para esse terceiro personagem responsável pela continuidade do conflito.

O espectador típico do *bullying* não sai em defesa da vítima nem se junta aos autores. Ele ocupa um outro papel. Essa presença, por vezes, reforça a agressão, com risadas ou com palavras de incentivo à violência. Nesse caso, ele é o responsável pela intensidade dos efeitos agressivos, pois registra a cena por fotografias e vídeos, retransmite fofocas, posta seus vídeos na internet e encara o *bullying* como uma prática natural e cômica.

Para Cléo Fante, educadora e autora do livro “Fenômeno Bullying: Como Prevenir a Violência nas Escolas e Educar para a Paz”, esse tipo de atitude faz do observador um co-autor da violência testemunhada^{ix}.

Há casos em que os alvos do *bullying* superam o motivo da agressão, ou reagindo ou ignorando, desmotivando a ação do autor da agressão^x. Mas, segundo a literatura sobre o assunto, aqueles que conseguem reagir podem alternar momentos de ansiedade e agressividade. Para mostrar

que não são covardes ou quando percebem que seus agressores ficaram impunes, os alvos podem escolher outras pessoas mais indefesas e passam a provocá-las, tornando-se alvo e agressor ao mesmo tempo^{xi}.

Sobre os atos de *bullying* nos espaços da escola, é importante registrar que eles ferem os princípios constitucionais de respeito à dignidade da pessoa humana e também ferem o Código Civil, segundo o qual todo ato ilícito que cause dano a outrem gera uma ação indenizatória. No Brasil, podemos dizer que o responsável pelo ato de *bullying* pode ser enquadrado no Código de Defesa do Consumidor, tendo em vista que as escolas prestam serviço aos consumidores e são responsáveis por atos de *bullying* que ocorram dentro do estabelecimento de ensino/trabalho.

O evento Casey Heynes que vamos analisar sob o olhar da semiótica greimasiana reflete todos os valores presentes no discurso que circula nas esferas educativa e midiática, citados sucintamente aqui, inclusive Heynes é hoje considerado, segundo a própria mídia, um herói por ter reagido ao seu agressor^{xii}.

2 BREVES CONSIDERAÇÕES SEMIÓTICAS

Pelo ponto de vista da Semiótica francesa, a unidade de sentido é o texto. Bertrand (2003) aponta que a semiótica extrai uma parte importante de sua concepção de significação da fenomenologia e interessa-se pelo “parecer do sentido”, que se apreende por meio das formas de linguagem, as quais manifestam os discursos subjacentes. É uma abordagem relativista de um sentido por vezes incompleto, pendente nas tramas do discurso.

Ela define o estatuto das formas significantes como um espaço intersticial entre o sensível e o inteligível, entre a ilusão e a crença partilhada, na relação reciprocamente fundadora entre sujeito sensível e objeto percebido, destacando-se no horizonte da sensação (BERTRAND, 2003, p. 20).

Para a Semiótica francesa, a verdade é aquilo que, segundo o texto, parece ser e é. O que não parece, mas é, será segredo. O que não é, mas parece ser, é mentira. E o que nem é nem parece ser é falso. Trata-se de uma relação entre ser (imanência) e parecer (manifestação), conforme a afirmação ou negação de cada uma dessas instâncias. Nessa perspectiva, o conteúdo existe potencializado até que seja manifestado pela junção com a expressão. Dessa junção, há a configuração da forma, que é constituída por signifiante e significado. Tem-se aí uma relação sígnica que proporciona todo esse “parecer do sentido”, apreendido por meio das formas de linguagem.

Tomando o texto como um todo dotado de sentido:

A semiose se estabelece como uma relação entre uma categoria do signifiante e uma categoria do significado, relação necessária entre categorias ao mesmo tempo indefinidas e fixadas num contexto determinado (GREIMAS, 1981, p. 116).

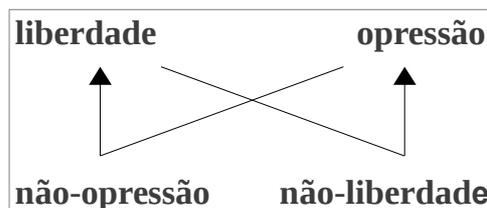
Há textos em que o plano da expressão funciona apenas como veículo do conteúdo;

entretanto, em outros casos, categorias do plano da expressão e outras do plano do conteúdo são associadas de forma específica, entre o arbitrário do signo e o motivado do símbolo (PIETROFORTE, 2004, p. 8-9), chamada, por isso, semissimbólica.

Para Greimas (1968), a linguagem gestual ainda pode produzir dois efeitos diferentes associados a sua função: ser dessemantizado (desprovido de sentido) ou semantizado (carregado de sentido). Assim, gestos de função prática e, por exemplo, de função mítica são admitidos numa oposição *prático vs mítico*, em que um está diluído no outro, no processo de comunicação. Em termos gerais, os gestos míticos estariam mais relacionados às artes, danças, diferentemente dos gestos dessemantizados ou práticos, relacionados a ações objetivas do dia a dia, como o ato de abrir uma porta com a mão direita realizado por uma pessoa destra.

Nessa perspectiva, trazemos a discussão do *bullying*, especificamente neste trabalho, como um texto sincrético em que a relação entre expressão (significante) e conteúdo (significado) é fixada em determinado contexto (tomado aqui como um texto).

Nos textos sincréticos como vídeos publicados no *Youtube*, por exemplo, podemos abordar categorias do plano de conteúdo e relacioná-las a categorias do plano de expressão que envolvem componentes topológicos, cromáticos e eidéticos como pistas para uma sobredeterminação tímica ou fórica dos termos do quadrado semiótico, organizado em termos contrários e contraditórios, como no exemplo a seguir:



Quadro 1: quadrado semiótico

Pensando no percurso do texto imagético a ser pesquisado (publicação do vídeo no *Youtube*), a análise deve se voltar para dentro do texto na investigação de suas “marcas”, para seus mecanismos internos de agenciamento do sentido e para o contexto que sustenta esse texto, ou seja, a intertextualidade contextual.

A partir dessa concepção, o vídeo é considerado como texto, do qual a semiótica visual cuida ao examinar os mecanismos e procedimentos do plano de conteúdo, relacionados aos do plano de expressão. O plano de conteúdo de um texto é, nesse caso, concebido, metodologicamente, sob a forma de um percurso gerativo de sentido. O percurso gerativo vai do nível mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto, num processo de enriquecimento gradativo. Trata-se dos três níveis: fundamental, narrativo e discursivo.

O nível fundamental é organizado a partir de uma estrutura ou oposição de sentidos pela marcação tímica (euforia/disforia ou positivo e negativo). O processo de transformação acontece entre dois conceitos de mesmo campo semântico e contrários. Por exemplo: amor e ódio são sentimentos, mas se opõem: *amor vs ódio*. Greimas afirma que entre esses extremos existem outras posições no campo. Organizou-as em dois processos complementares: a negação e a implicação. A implicação é uma tendência do termo negado em aproximar-se do outro. Então temos dois processos possíveis: amor → não-amor → ódio e ódio → não-ódio → amor. O quadrado simplesmente introduz no esquema dois termos contrários (amor e ódio) e os termos subcontrários

(não-amor e não-ódio) como etapas para a passagem de um a outro extremo. Atualmente, a semiótica tensiva explora essa gradação no discurso pela inter-relação entre intensidade (sensível) e extensidade (inteligível) (cf. FONTANILLE e ZILBERBERG, 2001).

A narrativa é a coluna vertebral do texto, é o lugar do engendramento das relações nas quais sujeitos e objetos criam-se reciprocamente. Sinteticamente, o programa narrativo se desencadeia para formar percursos em que valores sempre vão criar os sujeitos e ao mesmo tempo reger as relações entre eles. Nesse contexto, o fazer persuasivo da manipulação ocorre porque a ação do sujeito está ligada a um destinador por um contrato (em que os sujeitos se dispõem a dividir um mesmo quadro de valores). O esquema narrativo canônico está dividido em 4 fases: manipulação (*fazer-fazer* pelo *dever* ou *querer-fazer*), competência (doação/aquisição do *saber* e *poder-fazer*), performance (*fazer*) e sanção (julgamento do *fazer*), que se relacionam. Ou seja, o percurso narrativo é baseado na transformação das relações entre sujeito e objeto e das relações entre sujeitos.

O nível discursivo é a camada mais superficial e concreta do percurso gerativo. Relaciona-se à aspectualização (do tempo, do espaço e dos atores do discurso), aos recursos de verossimilhança, temático e figurativo, às isotopias que conferem ao texto unidade semântica.

Em um primeiro momento, podemos, sob a lente da teoria greimasiana, compreender que o garoto agredido do texto *bullying* é um ator do nível discursivo; e no nível narrativo, um sujeito modalizado pelo *poder*, *saber* e *querer fazer*, pois o objeto modal “se defender” está em conjunção com o sujeito.

Em relação ao objeto, o sujeito pode estar em conjunção ou disjunção com ele e o objeto será modal caso tenha função auxiliar na obtenção de outro objeto.

O texto pode ter percursos paralelos, em que um mesmo ator ocupa vários papéis actanciais, e também deve ser analisado como um todo, considerando que impressões do começo da narrativa podem ser mudadas ao longo do percurso.

O sujeito é diferentemente caracterizado mediante sua relação com o objeto e segundo sua capacidade de modalização. Seja potencializado, virtualizado, atualizado ou realizado, o sujeito da narrativa se relaciona com o objeto em um percurso gerativo de sentido que permite organizar a configuração dos actantes num gradiente polarizado entre passividade e atividade.

3 EMOÇÃO E PAIXÃO NA SEMIÓTICA

A estrutura narrativa ou discursiva da ação não esgota a organização do percurso gerativo de sentido. A ordem do inteligível está articulada à subjetividade do sujeito. Portanto, um objeto modalizado como desejável pode levar o sujeito a experimentar emoções específicas que podem prolongar-se em outros efeitos passionais.

Em poucas palavras, o estado passional de um sujeito pode estar relacionado a um objeto ou a um sujeito. Nessas relações, as paixões podem ser objetais (exemplo: desejo e frustração) ou intersubjetivas (exemplo: crença e bondade), podem ser vistas também como simples ou complexas.

Outro aspecto da paixão no discurso são os estados de conjunção e disjunção associados

aos valores desejados. Para Lara e Matte (2009, p. 58), “falar de *paixão* implica considerar o termo correlato *emoção* e avaliar se eles se equivalem ou não”.

Para Fontanille e Zilberberg (2001), a emoção exige simplesmente um corpo que sente; já a paixão é um acontecimento, um fenômeno, uma transformação apreendida e reconhecida por um observador. O efeito de sentido passional para a semiótica tem uma configuração discursiva caracterizada por suas propriedades sintáxicas, ou seja, pela modalidade, pela aspectualidade, pela temporalidade, entre outras.

O processo de descrição da paixão não é só voltado para o sujeito afetado, mas inclusive para o quadro de valores sociais e culturais, no qual se insere a situação em que a emoção é percebida.

Lara e Matte (2009) sintetizam que paixão para a semiótica francesa está longe de ser física; ela é uma interpretação cultural de perturbações corporais perceptíveis, é uma moralização social sobre um fazer individual e acrescentam:

Emoção e paixão, portanto, no escopo da semiótica greimasiana, não se confundem: a emoção é o elemento que torna disposições internas e individuais do sujeito passíveis de uma moralização social que dependendo da cultura e da sociedade em questão, processará tal emoção como reflexo ou não de paixão específica (LARA; MATTE, 2009, p. 62).

Após essas breves notas sobre o quadro teórico que temos por base, passamos à análise do vídeo buscando compreender seus mecanismos de construção do sentido.

4 ANÁLISE DO VÍDEO “CASEY HEYNES”: PERCURSO NARRATIVO

O vídeo ou texto sobre o *bullying* sofrido por Heynes é gravado por um espectador do conflito e publicado no *Youtube*. A cena se estabelece em um corredor (ambiente movimentado) da escola, na presença de espectadores. Casey Heynes, sujeito agredido, está de pé conversando com duas meninas e o cinegrafista posicionado numa das extremidades do corredor (Ver: <<http://www.youtube.com/watch?v=eyVilspkzBg>>).

Para o sujeito que é agredido inicialmente, usaremos a notação S1, e, para o agressor e provocador do *bullying*, usaremos S2. Abaixo, propomos uma descrição da sequência de atos identificados:

1. S1 está parado aparentemente conversando com duas meninas, de costas e bem próximo à parede. S2 entra em cena pelo canto esquerdo da tela, aproxima-se de S1, agarra-o pela camisa e desfere o primeiro soco com a mão direita em seu rosto.
2. S2 se afasta, novamente segura a camisa de S1 e desfere o segundo soco. S1 cobre com a mão o rosto.
3. S2 se afasta gingando e provocando S1, desferindo nessa sequência mais três socos. S1 continua se defendendo com o braço esquerdo.

4. De repente, S1 agarra S2, levanta-o no ar e o arremessa no chão.
5. S1 se afasta e permanece em pé olhando para S2 no chão.
6. Um espectador (menino) entra em cena e se coloca entre S1, de pé, e S2, que se levanta cambaleante e aparentemente tonto. S1 dá as costas e se afasta em sentido contrário ao de S2 enquanto o espectador faz menção de ir atrás de S1. Uma das meninas em cena se coloca na frente do espectador. Fim do vídeo.



Figuras 1-6: imagens do vídeo Casey Heynes

Para a análise que propomos, é necessário informar que, embora os perfis dos dois sujeitos em confronto no texto audiovisual citado sejam considerados, teremos como foco o sujeito agredido, a partir do qual orientamos a apreensão do fenômeno do *bullying*.

No texto analisado, chamamos de actantes: S1 = sujeito agredido, S2 = sujeito agressor e de Objeto = violência no ambiente escolar. Nesse contexto, S2 é, num primeiro momento, um sujeito realizado, pois apresenta uma relação de conjunção com o objeto violência, indicada pela ação de agressão bem-sucedida (o agressor *crê*, tem o *poder*, *sabe* e realiza a agressão). Por outro lado, S1 mostra uma relação de disjunção com o objeto violência, indicada pela não-reação às agressões e provocações de S2. S1 é um sujeito potencializado nesse momento, pois ele *não crê* no contrato de violência.

No conflito (*bullying*) ou manipulação por provocação, S2 (agressor) promoveu uma transformação de estado em S1 (agredido), que estava em disjunção com o objeto violência e passou à conjunção. O antissujeito S2 está devidamente modalizado para tal ação, realiza-se enquanto sujeito porque se mantém ativo e em conjunção com seu objeto violência até a reação de S1, quando os papéis actoriais de agressor e agredido se invertem.

Na sequência, S2 desperta em S1 o desejo de vingança. Temos então dois percursos: o cognitivo e o pragmático. No percurso cognitivo, o contrato de violência é aceito por S1 e, nesse caso, S2 se apresenta como “vencedor”, pois S1 adere aos valores do seu destinador. No percurso pragmático, S1 age como aquele que o agride inicialmente, manifestando, com um forte golpe, sua adesão cognitiva aos valores do antissujeito.

O teor do contrato tanto do texto quanto do contexto é de violência e este é carregado de

valores que acarretam sanções positivas ou negativas. A vingança, ato de castigar alguém como resposta a uma ação anterior, pode ser valorizada positivamente ou negativamente. No vídeo em questão, há uma inversão entre os valores de S1 e S2. S1 é manipulado e provocado por S2 e este, tem a opção de retirar-se, fugir, evitando a agressão física e resignando-se com relação à agressão moral, mas o S1 aceita a provocação ou o contrato proposto por S2 através do *bullying*, um contrato em que a violência é o objeto de valor. Ao aceitar essa manipulação, S1 torna-se destinatário do objeto violência e S2 destinatário do mesmo objeto.

No percurso narrativo, S1 passa por todas as quatro modalidades de sujeito: Sujeito Potencial (*não crê* nos valores de S2), Sujeito Virtualizado (*quer* ou *deve* reagir às agressões de S2, mas *não pode*); Sujeito Atualizado (*sabe* e *pode* reagir às agressões de S2); Sujeito Realizado (adere aos valores de violência de S2 ao reagir efetivamente).

5 ANÁLISE DO VÍDEO “CASEY HEYNES”: PERCURSO PASSIONAL

Segundo Greimas e Fontanille (1993, p. 147), antes mesmo de ser, o sujeito da narrativa já é *constituído* previamente para os percursos passionais que o esperam. Uma vez prolongada a constituição no que os autores denominam *disposição*, isto é, uma certa tendência a um conjunto de paixões, segue-se a *sensibilização*, a culminância de uma paixão no percurso de uma sintaxe discursiva, etapa em que o sujeito enunciativo se transforma em um sujeito que reage; seguem-se a emoção, a reação à sensibilização, e a moralização, ou a identificação construída socialmente daquilo que foi sentido.

No vídeo apresentado, observamos que a manipulação patêmica da humilhação já estava instalada anteriormente entre os sujeitos, antes mesmo do ato de agressão, dado que a aparente resignação ou passividade do S1 é presumida diante da posição petulante de ataque do “valentão”, o que é reconhecido como característico do fenômeno *bullying*.

No microuniverso socioletal da escola, em que as “diferenças” são motivos para a reprodução de estereótipos ausentes de crítica, o agredido é axiologizado negativamente como aquele que é inferior e, portanto, excluído socialmente e humilhado pelo grupo dos bem-aceitos. A razão perde, assim, lugar para a paixão.

No nível fundamental do texto em questão, a oposição semântica se organiza como: *passivo vs ativo, defesa vs ataque e inclusão vs exclusão*.

Com relação à marcação tímica, euforia vs disforia, desses elementos, notamos que a atitude passiva de S1 (Heynes) possui um valor social negativo (disfórico) e a sua atitude ativa, no final da sequência dos fatos, possui valor social positivo (eufórico). É o que podemos observar pela valorização desse sujeito como “herói” pela mídia, por ter reagido, conforme dissemos no tópico 1 deste texto.

A *passividade* de S1 é caracterizada pela não-reação a S2 quando este o agarra pela camisa e lhe defere um soco no rosto. A *não-passividade* se instala no percurso quando S1 decide se defender da sequência de socos e provocações; e a *atividade*, quando S1 agarra S2, levanta-o no ar e o arremessa no chão. Assim se apresenta o quadro *bullying* como violência nesse texto sincrético. A partir das marcas encontradas no vídeo não é possível avaliar se S1 passa a ser incluído socialmente por causa de sua posição ativa e de ataque a S2, mas podemos afirmar sua filiação aos valores aparentemente euforizados nesse contexto.

A emoção se manifesta, então, nos corpos por uma manifestação dos papéis temáticos e dos papéis patêmicos (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 140). Os alunos se dividem em incluídos e excluídos por sua constituição diferenciada, sobre a qual pesarão diferentes julgamentos morais e éticos.

A moralização traz para o discurso um relativismo entre excessos e insuficiências que, como bem lembram os autores de *Semiótica das paixões*, causa problema. S1 manifesta a ausência de uma competência modal, a autoconfiança, que o sujeita, inicialmente, às atitudes de S2, excessivamente confiante em sua capacidade de agredir S1, a ponto de este receber os golpes iniciais sem reação (seria proposital esse sujeitamento? Acreditamos que essa marca não se evidencia no texto). Num curto período de tempo, observamos o movimento de inversão dos papéis de agressor/agredido, quando S1 passa de não-passivo a ativo, sobrepondo a sensibilização, de humilhação e exclusão, pela moralização daquele que reavalia o fazer do outro e o próprio ser, caindo por fim na manipulação do destinador S2 e da sociedade de uma forma geral.

(...) se a configuração se organiza exclusivamente do ponto de vista do sujeito apaixonado, apenas a sensibilização se manifesta; e se a configuração se organiza do ponto de vista de um observador social, a moralização surge, pressupondo e ao mesmo tempo mascarando a sensibilização (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 150).

Nesse desdobramento do percurso passional de S1, ocorre a cisão do sujeito sincrético, ou seja, aquele que sofre o *bullying* ou a *humilhação* e se julga incapaz. Revela-se, então, a passagem do sujeito apaixonado a sujeito julgador, que sofre, por fim, uma nova sensibilização, o ser violento. A seguir, indicamos a sequência de papéis ocupados por S1 no vídeo:

1. Sujeito sensível/apaixonado: aquele que sofre a paixão, dominado por seus efeitos.
2. Sujeito julgador/judicator: aquele que se julga inferior, torna-se sujeito destinador e parte de sua paixão (a humilhação) para reavaliar seu comportamento resignado como inadequado e reagir contra o agressor, a partir da aquisição do valor modal, confiança.
3. Sujeito sensível/apaixonado: aquele que pratica a violência, passando de passivo a ativo.

Esse percurso passional sugere, portanto, o assujeitamento de S1 aos valores agressivos, socialmente estabelecidos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Nossa proposta aqui foi mostrar uma das possíveis leituras do vídeo analisado, já que muitas outras podem privilegiar aspectos não considerados ou pouco enfatizados por nós. De forma geral, a semiótica nos ajudou a descrever e, assim, melhor compreender os percursos dos sujeitos e valores a eles associados, aliando o percurso canônico às contribuições da semiótica das paixões.

Para sintetizar a análise do caso Casey Heynes temos então dois percursos narrativos

básicos: o cognitivo e o pragmático. No cognitivo, o contrato de violência é aceito por S1 e, nesse caso, S2 se apresenta como vencedor, pois manipulou com sucesso S1 a acreditar nos seus valores e a agir como ele. Nesse caso, S1 “compra” os valores do destinador (S2), perdendo sua própria identidade. No percurso pragmático, S1 não só aceita o *fazer violento* próprio do outro, como repete a violência sofrida de maneira mais intensa. S1 é, assim, socialmente axiológico positivamente como “herói”, por se vingar do seu agressor, embora no nível narrativo ele sucumba aos valores negativos do conflito.

Consideramos que o *bullying* é essencialmente cognitivo e se manifesta pragmaticamente nos espaços do corpo, nos espaços sociais, seja por meio dos apelidos que expõem os defeitos ou da violência física. De forma cruel, o poder da manipulação e da persuasão dos sujeitos têm gerado contratos que alimentam tanto o *bullying* ou, pura e simplesmente, a violência, inculcando quadros de valores que negativizam a imagem do ser humano pouco a pouco e o fazem crer na realidade que lhes é apresentada, aceitando a persuasão do destinador-manipulador. O enfrentamento não ocorre, em muitos casos, para não prolongar a exposição, o conflito que gera discussão e prolonga a exposição do problema por meio de novas retaliações. O vídeo de Casey Heynes recebe atenção mundial na internet, nesse trecho específico, mas a continuidade do *bullying* não é apresentada nesse recorte. O espectador que entra em cena após o combate realiza uma intimidação em S1, que não é aceita e é interrompida pelas meninas; esse acontecimento expõe uma retomada cíclica da intimidação. O *bullying* não se encerra com a atitude ativa de S1, ele seria retomado por outro sujeito.

Recentemente, o poder das mídias e da propagação da internet tem tornado essas estratégias (*cyberbullying*) ainda mais eficientes e devastadoras do ponto de vista da sensibilização e moralização dos sujeitos, aumentando o alcance da exposição.

Nossa hipótese, que precisa ser melhor verificada em outras análises e reflexões, é que o deslocamento espacial do acontecimento afeta aspectualmente a experiência sensível daqueles que a vivem, tendo como força propulsora o poder de reprodução da internet e a extensão imensurável do público, do espectador que assiste e *sabe* do evento. A intensidade do *bullying* parece, dessa forma, ganhar maior tonicidade para aquele que o sofre. O som de espanto dos espectadores no vídeo analisado e a criação da figura do herói Zangief na internet reforçam a hipótese de aumento de intensidade do *bullying* de acordo com a extensão com que ele é visto.

A análise semiótica possibilita o entendimento do *bullying* em diferentes níveis de apreensão; aqui, observou-se a complexidade do fenômeno, apresentando-se com diferentes valorações no nível fundamental (percurso da exclusão para a inclusão), no nível narrativo (sujeito que aceita o contrato de violência) e discursivo (a construção do herói justiceiro).

A exposição dessa complexidade pode contribuir para a modificação das ações dos sujeitos competentes e impedir essa prática em diferentes contextos, principalmente o escolar, de onde provém a maior parte das vítimas.

REFERÊNCIAS

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Trad. Grupo CASA. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e Significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

GREIMAS, Algirdas Julien. Conditions d'une sémiotique du monde naturel. In: *Langages*, 3e année, n° 10. Pratiques et langages gestuels, 1968, p. 3-35. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726x_1968_num_3_10_2546>. Acesso em 26 de novembro de 2011.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Semiótica e ciências sociais*. São Paulo: Cultrix, 1981.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. São Paulo: Ática, 1993.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009. 1 v. CD-ROM.

LARA, Gláucia Muniz Proença; MATTE, Ana Cristina Fricke. *Ensaio de Semiótica: Aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2009.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. *Semiótica visual: os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto, 2004.

- i O vídeo de Casey Heynes (<http://www.youtube.com/watch?v=eyVilspkzBg>) é conhecido popularmente como Zangief Kid, em referência a um personagem de *videogame* que utilizava um golpe semelhante ao que foi aplicado no conflito.
- ii <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-escola-fenomeno-recente-610444.shtml>>. Acesso em 21/11/2011.
- iii <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-escola-494973.shtml>>. Acesso em 21/11/2011.
- iv <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/escola-o-que-nao-e-bullying-610441.shtml>>. Acesso em 21/11/2011.
- v <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-escola-espectador-tambem-participa-bullying-610506.shtml>>. Acesso em 21/11/2011.
- vi <<http://revistaescola.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-escola-espectador-tambem-participa-bullying-610506.shtml>>. Acesso em 21/11/2011.
- vii <<http://diganaoerotizacaoainfantil.wordpress.com/2008/05/23/identifique-se-seu-filho-e-agressor-ou-vitima-de-bullying-e-cyberbullying/>>. Acesso em 21/11/2011.
- viii <<http://www.brasilecola.com/sociologia/bullying.htm>>. Acesso em 21/11/2011.
- ix <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-escola-espectador-tambem-participa-bullying-610506.shtml>>. Acesso em 21/11/2011.
- x <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/escola-o-que-nao-e-bullying-610441.shtml>>. Acesso em 21/11/2011.
- xi <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-escola-consequencias-alvo-610508.shtml>>. Acesso em 21/11/2011.
- xii <<http://www.youtube.com/watch?v=eMhXqABoNaE>>. Acesso em 22/11/201 e <<http://www.youtube.com/watch?v=eMhXqABoNaE>>. Acesso 23/03/2012